

A gramaticalização do item “até” nos contos *A Cartomante*, de Machado de Assis, e *Um cão e um escravo em os olhos do bugre*, de Geraldinho do Engenho

Geliane Fonseca Alves¹

Universidade Estadual de Santa Cruz

Resumo: Esta pesquisa consiste em analisar diacronicamente o processo de gramaticalização do item ATÉ nos contos *A Cartomante* de Machado de Assis e *Um cão e um escravo em os olhos do Bugre* de Geraldinho do Engenho, publicado pela revista eletrônica, *Recanto das Letras*, afim de, perceber em qual dos contos o ATÉ se gramaticaliza mais. O texto inicia apresentando o conceito de gramaticalização, logo após pontua as transformações sofridas pelo item, desde sua função prototípica (preposição) até chegar o limite da discursivização (marcador discursivo), utilizando como referencial teórico, os principais conceitos sobre gramaticalização de Martelotta (1996) e Hooper (1991). Faz uma análise quantitativa dos dados e por fim, constata-se que o item ATÉ se gramaticaliza mais no conto de Machado de Assis século XIX, contrariando a hipótese de que a gramaticalização seria mais recorrente no conto de Geraldinho do Engenho, por ser do século XXI.

Palavras-chave: gramaticalização; semântica; sintaxe; operadores argumentativos; discursivização.

Abstract: This research consists of examining the diachronic process of grammaticalization of the word ATÉ in the tales *A Cartomante* by Machado de Assis and *Um cão e um escravo em os olhos do Bugre* by Geraldinho do Engenho, published by the magazine, *Recanto das Letras* in order to notice in which of the tales the word ATÉ is grammaticalized more. The text begins by presenting the concept of grammaticalization, shortly after scoring the transformations undergone by the item since its prototypical function (preposition) until it reaches the limit of speechlization (discourse marker), using as theoretical, the main concepts of grammaticalization Martelotta (1996) and Hooper (1991). It makes a quantitative analysis of the data and finally, it appears that the word ATÉ grammaticalizes itself more on the story by Machado de Assis nineteenth century, contradicting the hypothesis that grammaticalization is more recurrent in the tale of Geraldinho do Engenho, because it happens in the XXI century.

Key-words: grammaticalization, semantics, syntax, argumentative operators; speechlization

1. Introdução

A língua não é um embrulho pronto e inalterável, pois é viva, dinâmica e está sempre em processo de transformação. Vemos que a língua se renova a todo instante, pois palavras assumem novos significados, e/ou novas funções passam a existir no lugar das velhas, ou até mesmo, a coexistir ao lado delas. Esse fenômeno é denominado gramaticalização e podemos encontrá-los em alguns tipos de discurso, como por exemplo, o conto.

Nesta pesquisa, analisamos os contos de Machado de Assis, *A Cartomante*, e de Geraldinho do Engenho, *Um cão e um escravo em os olhos do Bugre*, publicado pela revista eletrônica, *Recanto das*

¹ E-mail: gellyalves@hotmail.com

Letras, no intuito de verificar em qual dos contos o item ATÉ se gramaticaliza mais. É válido lembrar que a análise de textos de séculos diferentes XIX e XXI, respectivamente, torna-se muito pertinente, uma vez que este estudo segue uma perspectiva diacrônica.

A respeito da gramaticalização, sabemos que ela acontece quando uma mesma palavra assume outro significado que passa a coexistir ao lado dos antigos valores e a permanência de propriedades lexicais nas formas gramaticalizadas. O princípio da persistência de Hooper (1991:124) confirma essa perspectiva, quando se postula que “alguns traços do significado lexical original de um item tendem a aderir à nova forma gramatical, e detalhes de sua história lexical podem refletir-se na sua distribuição gramatical”.

Podemos dizer então, que o estudo sobre gramaticalização é um dos principais alicerces da teoria funcionalista, a qual estuda as funcionalidades dos diversos usos da língua. Vale ressaltar também que a gramaticalização segue duas linhas de pesquisa: uma diacrônica, outra sincrônica. Nos estudos diacrônicos, tem sido investigada a origem das formas gramaticais e o trajeto que essas percorrem no sentido da variação.

Por isso, esta análise é muito importante, visto que estuda a língua como um processo e não como um conjunto de regras e funções inflexíveis, tornando mais fácil entender como ocorre o processo de gramaticalização, que também é uma espécie de variação lingüística, e como tal, é imprescindível para os estudos referentes à língua, principalmente no que tange às questões do ensino de Língua Portuguesa.

Esta pesquisa pretende identificar as funções do ATÉ nos referidos contos, verificar se essas indicam a gramaticalização do item e se houve mudanças significativas no seu emprego. Para tanto, utilizamos como principais teóricos, Hooper (1991), com o texto *Gramaticalização: definição, princípios e análise de casos* e Martelotta (1996), com o texto *Gramaticalização no português do Brasil*.

2. O que é Gramaticalização?

A gramaticalização é um fenômeno natural da língua, e ocorre quando, em algumas circunstâncias, um item lexical assume *status* de item gramatical ou quando itens gramaticais tornam-se ainda mais gramaticais. Essa transformação de léxico para gramática não ocorre rapidamente, mas, sim, através dos usos em diferentes contextos ao longo dos anos, e por algum tempo, palavras ou expressões podem funcionar tanto como lexicais, quanto gramaticais, até que a segunda ocorrência sobreponha-se a primeira.

Quanto a isso, HOOPER (1991, p.33), acrescenta que “a gramática de uma língua é sempre emergente, ou seja, estão sempre surgindo novas funções, valores, usos para formas já existentes e, nesse processo de emergência [...] é possível reconhecer graus variados de gramaticalização”. Isso ocorre porque, segundo o pensamento Funcionalista, os estudos lingüísticos devem basear-se nos usos

da língua, ou seja, analisar não somente aspectos lingüísticos, mas também fatores sociais e interpessoais.

3. O item ATÉ em uma escala de abstratização

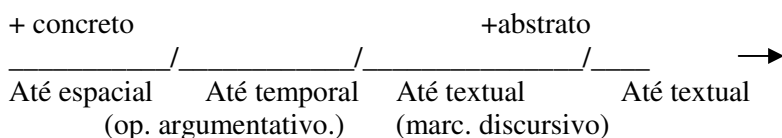
Dentre os itens que tem sofrido o processo de gramaticalização, destaca-se o ATÉ, que é o objeto desta pesquisa. Em vista disso, utilizamos o artigo feito por Christiana Lourenço Leal, sob o título de *A Gramaticalização do item Até*, o qual se fundamenta nos conceitos de Meillet (In.: LEAL, 2008, 22), que no século XX define a gramaticalização como “atribuição de um caráter gramatical a uma palavra anteriormente autônoma”.

Amparada nessa idéia, Leal busca discutir sincronicamente o trajeto evolutivo do item ATÉ, desde seu sentido espacial, atravessando pelo temporal e adquirindo características textuais (operador argumentativo/ marcador discursivo). Sua hipótese é a de que o item passa de [+ concreto] a [+ abstrato], através de um processo metafórico, previsto pelos estudos a respeito de gramaticalização. Nessa escala, o item ao mudar de função, pode ter sua classe gramatical também alterada.

Logo, em alguns casos, encontramos o item ATÉ com a função de preposição, em outros, como advérbio, ou ainda como conectivo oracional. Há, inclusive, exemplos em que o grupo ATÉ ora atua como um grupo de fato, tradicionalmente, classificado como locução conjuntiva (até + que), ora atua distintamente como operador argumentativo, e o QUE como conector.

Na Língua Portuguesa, podemos encontrar pelo menos três diferentes usos para o item ATÉ, são eles: espacial, temporal e textual. Colocando na escala de abstratização, distribuem-se em (ESPAÇO>TEMPO>TEXTO). Essas são as fases que o item ATÉ passa, partindo desde as ocorrências mais concretas (espacial e temporal) até as mais abstratas (textual).

A seguir, apresentamos a escala de abstratização que ocorre da seguinte forma: o item ATÉ, originalmente, tem significado de limite espacial, posteriormente passa pela significação de limite temporal e pela de limite argumentativo, até chegar a uma perda total da noção de limite, é aí que se caracteriza como sendo um marcador discursivo. Vejamos:



Observamos que na escala, o item é classificado conforme seu significado e sua aplicação no discurso, por isso as duas primeiras ocorrências são chamadas de ATÉ espacial e ATÉ temporal, respectivamente, uma vez que elas indicam limite de espaço e tempo. Já nas duas últimas ocorrências, o ATÉ existe basicamente em função do texto, por isso é chamado de ATÉ textual.

Assim como já foi dito, tanto FERREIRA (1999) quanto HOUAISS (2001) apontam que, “ao mudar de significação, o item pode mudar sua classe gramatical e em consequência, suas propriedades

funcionais”. Ambos os dicionários afirmam que primeiramente, o item aparece como sendo preposição e depois, quando utilizado em outros contextos, o mesmo item passa a ser classificado como advérbio.

Essas definições são as mais recorrentes, no entanto, há um estágio ainda mais abstrato o qual se percebe o item ATÉ como marcador discursivo, porém se retirado do contexto não provoca mudanças significativas tanto com relação ao sentido quanto às funções, pois tal item, enquanto marcador discursivo, possui basicamente a função de orientador da interação.

Vale lembrar que o ATÉ enquanto marcador discursivo é o último estágio no processo de abstratização. Para LEAL (2008, p.31), “este estágio final representa um processo de discursivização”, ou seja, quando o ATÉ assume a função de marcador discursivo é porque ele vai concatenar o discurso e somente isso, as outras significações, a partir daí, já não são mais recorrentes.

A proposta de análise desenvolvida neste trabalho tem como base o estudo das diversas fases do processo de gramaticalização, pelo qual o item ATÉ passa, desde as ocorrências mais concretas às mais abstratas.

Para maior elucidação dividimos a análise em grupos de ocorrência do item ATÉ.

4. Grupo 1º: Função Espacial

Neste primeiro grupo, apresentamos o item ATÉ com a sua função mais prototípica, a de preposição com a função espacial, como ilustramos nos exemplos abaixo:

(1) “Ao passar pela Glória, Camilo olhou para o mar, estendeu os olhos para fora, ATÉ onde a água e o céu dão um abraço infinito, e teve assim uma sensação do futuro, longo, longo, interminável.” (T1)

(2) “[...] Nonoto o levou ATÉ Vico e agradeceu acariciando os dois.” (T2)

(3) “Nas viagens à cidade, Bugre o acompanhava ATÉ a estação ferroviária a quatro quilômetros da sede da fazenda, trazendo de volta sua montaria.” (T2)

Em (1), o local é onde o mar encontra o céu, em (2) o local é onde Vico está, e em (3), é a estação.

5. Grupo 2º: Função Temporal

Com a função temporal, o item ATÉ passa a idéia de tempo cronológico, por ele veiculada. Vejamos:

(4) “[...] mas o pai morreu e Camilo preferiu não ser nada ATÉ que a mãe lhe arranhou um emprego público.” (T1)

(5) “Camilo ensinou-lhe as damas e o xadrez e jogavam às noites; — ela mal, — ele, para lhe ser agradável, pouco menos mal. ATÉ aí as cousas.” (T1)

(6) “[...] ele avistou um numero de urubus sobrevoando a marginal da linha férrea, ATÉ que foram averiguar.” (T2)

Em (4), o tempo consiste no período em que Camilo ficou sem fazer nada, em (5) o tempo em que o romance ainda não tinha acontecido de fato, em (6) o tempo é intervalo entre a visão dos urubus sobrevoando e a averiguação.

6. Grupo 3º: Função Textual 1 – Operador argumentativo

Neste grupo, tratamos do item *ATÉ* com a função de operador argumentativo, o qual enfatiza, reforça um argumento. Podemos constatar isso nos trechos abaixo:

(7) “A opinião dela é que Camilo devia tornar a casa deles, tatear o marido, e pode ser *ATÉ* que lhe ouvisse a confiança de algum negocio particular.” (T1)

(8) “era natural uma denúncia anônima, até da própria pessoa que o ameaçara antes” (T1)

(9) “*ATÉ* os transeuntes da linha férrea, a poderiam vislumbrar sob o sol.” (T2)

(10) “[...] de onde se tinha *ATÉ* uma nítida visão de toda a propriedade.” (T2)

Em (7) o *ATÉ* reforça o argumento ouvir a confiança, em (8) o argumento reforçado é a própria pessoa, em (9) são os transeuntes, e em (10) é uma nítida visão.

7. Descrição dos resultados

Apresentamos, a seguir, os dados distribuídos conforme as funções pesquisadas. Na primeira tabela, temos o cômputo geral dos dados e, na segunda, os dados referentes a cada um dos contos.

Tabela I: O item *ATÉ* e suas funções

FUNÇÃO DO <i>ATÉ</i>	Ocorrências	%
ESPACIAL	3	30%
TEMPORAL	3	30%
OPERADOR	4	40%
MARCADOR	-	-
TOTAL	10	100%

Na tabela I, vemos que há um total de dez ocorrências do item *ATÉ*. Sendo que três desses com a função espacial, três com a função temporal, quatro com a função textual de operador argumentativo e nenhuma como marcador discursivo.

Os resultados comprovam duas de nossas hipóteses, a primeira de que o *ATÉ* seria mais recorrente exercendo a função de operador argumentativo do que marcador discursivo. E a segunda de que o *ATÉ* apareceria em ambos os contos como preposição exercendo a função espacial e temporal.

Tabela II: O item *ATÉ* numa perspectiva diacrônica

Funções do ATÉ	Conto de Machado de Assis (T1)		Conto de Geraldinho do Engenho (T2)	
	O.C	%	O.C	%
Espacial	1	20%	2	40%
Temporal	2	40%	1	20%
Operador	2	40%	2	40%
Marcador	—	—	—	—

Na tabela II, verificamos que o ATÉ enquanto espacial ocorre apenas uma vez no (T1), e duas no (T2). Com a função temporal ocorre duas vezes no (T1) e uma no (T2). Com a função de operador argumentativo ocorre duas vezes em (T1) e duas no (T2). O que não confirma a nossa hipótese de que o ATÉ iria se gramaticalizar mais no segundo conto (T2), por este, ser de autoria mais recente.

Sendo assim, podemos dizer que apesar de nossa hipótese geral não ter sido confirmada, a gramaticalização está acontecendo, é fato, podemos constatar isso através do conto machadiano, no qual o item aparece mais com a função textual do que com a sua função prototípica.

8. Conclusão

Este estudo possibilitou aprofundar nos conceitos de gramaticalização, um fenômeno lingüístico que o item ATÉ vem sofrendo. Por isso, analisamos a partir de uma perspectiva diacrônica.

Como podemos constatar o item ATÉ teve maior gramaticalização no primeiro conto, *A cartomante* de Machado de Assis, contrariando nossa hipótese de que seria no segundo, visto que as variações lingüísticas ocorrem no decorrer dos anos. Tal resultado pode ter sofrido influência por conta do gênero analisado, o conto. Sabemos que, geralmente, essa tipologia textual apresenta uma linguagem culta e a ocorrência de variações lingüísticas é própria do discurso coloquial.

Esperamos que o processo de gramaticalização tenha ficado claro, e que esta pesquisa possa contribuir para os estudos vindouros no que tange aos fenômenos lingüísticos inerentes à língua.

Referências bibliográficas

ASSIS, Machado de. *Obra Completa. A Cartomante*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar 1994. v. II. <disponível em: http://www.releituras.com/machadodeassis_cartomante.asp. Acesso em: 19/03/2010

CASTILHO, Ataliba, T. de. **A gramaticalização**. In.: Estudos lingüísticos e literários, 19. Salvador: Programa de Pós-Graduação em Letras e Lingüística da UFBA, 1997, p. 25-64.

ENGENHO, Geraldinho do. **Um cão e um escravo em os olhos do bugre**. In: Recanto das letras. 2010<disponível em: <http://recantodasletras.uol.com.br/contos/2152371>. Acesso em: 25/03/2010

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio do século XXI – O dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

GONÇALVES, S. C. L; CARVALHO, C. S. Introdução a gramaticalização. **Critérios de gramaticalização**: princípios teóricos e aplicação. São Paulo: Parábola, 2007.

HOPPER, P. J. On some principles of grammaticization. In.: TRAUGOTT, E. C. e HEINE, B. (eds.). **Approaches to grammaticalization**. v.1, Philadelphia: John Benjamins Company, 1991.

HOUAISS, Antonio. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. São Paulo: Objetiva, 2001.

LEAL, Christiana Lourenço. **A Gramaticalização do Item Até**. In: Anais do XI Congresso Nacional de Lingüística e Filologia. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.

NARO, A, J & BRAGA, M. L. **A interface sociolingüística/ gramaticalização**. Revista Gragoatá, nº 9, p. 125-134, 2000.

NEVES, Maria Helena de Moura. **A gramatical funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

Anexos

Anexo A – A Cartomante de Machado de Assis

Hamlet observa a Horácio que há mais cousas no céu e na terra do que sonha a nossa filosofia. Era a mesma explicação que dava a bela Rita ao moço Camilo, numa sexta-feira de Novembro de 1869, quando este ria dela, por ter ido na véspera consultar uma cartomante; a diferença é que o fazia por outras palavras.

— Ria, ria. Os homens são assim; não acreditam em nada. Pois saiba que fui, e que ela adivinhou o motivo da consulta, antes mesmo que eu lhe dissesse o que era. Apenas começou a botar as cartas, disse-me: "A senhora gosta de uma pessoa..." Confessei que sim, e então ela continuou a botar as cartas, combinou-as, e no fim declarou-me que eu tinha medo de que você me esquecesse, mas que não era verdade...

— Errou! Interrompeu Camilo, rindo.

— Não diga isso, Camilo. Se você soubesse como eu tenho andado, por sua causa. Você sabe; já lhe disse. Não ria de mim, não ria...

Camilo pegou-lhe nas mãos, e olhou para ela sério e fixo. Jurou que lhe queria muito, que os seus sustos pareciam de criança; em todo o caso, quando tivesse algum receio, a melhor cartomante era ele mesmo. Depois, repreendeu-a; disse-lhe que era imprudente andar por essas casas. Vilela podia sabê-lo, e depois...

— Qual saber! tive muita cautela, ao entrar na casa.

— Onde é a casa?

— Aqui perto, na rua da Guarda Velha; não passava ninguém nessa ocasião. Descansa; eu não sou maluca.

Camilo riu outra vez:

— Tu crês deveras nessas coisas? perguntou-lhe.

Foi então que ela, sem saber que traduzia Hamlet em vulgar, disse-lhe que havia muito coisa misteriosa e verdadeira neste mundo. Se ele não acreditava, paciência; mas o certo é que a cartomante adivinhara tudo. Que mais? A prova é que ela agora estava tranqüila e satisfeita. Cuido que ele ia falar, mas reprimiu-se. Não queria arrancar-lhe as ilusões. Também ele, em criança, e ainda depois, foi supersticioso, teve um arsenal inteiro de crendices, que a mãe lhe inculcou e que aos vinte anos desapareceram. No dia em que deixou cair toda essa vegetação parasita, e ficou só o tronco da religião, ele, como tivesse recebido da mãe ambos os ensinamentos, envolveu-os na mesma dúvida, e logo depois em uma só negação total. Camilo não acreditava em nada. Por quê? Não poderia dizê-lo, não possuía um só argumento; limitava-se a negar tudo. E digo mal, porque negar é ainda afirmar, e ele não formulava a incredulidade; diante do mistério, contentou-se em levantar os ombros, e foi andando. Separaram-se contentes, ele ainda mais que ela. Rita estava certa de ser amada; Camilo, não só o estava, mas via-a estremecer e arriscar-se por ele, correr às cartomantes, e, por mais que a repreendesse, não podia deixar de sentir-se lisonjeado. A casa do encontro era na antiga rua dos Barbonos, onde morava uma comprovinciana de Rita. Esta desceu pela rua das Mangueiras, na direção de Botafogo, onde residia; Camilo desceu pela da Guarda velha, olhando de passagem para a casa da cartomante. Vilela, Camilo e Rita, três nomes, uma aventura, e nenhuma explicação das origens. Vamos a ela. Os dois primeiros eram amigos de infância. Vilela seguiu a carreira de magistrado. Camilo entrou no funcionalismo, contra a vontade do pai, que queria vê-lo médico; mas o pai morreu, e Camilo preferiu não ser nada,

até que a mãe lhe arranhou um emprego público. No princípio de 1869, voltou Vilela da província, onde casara com uma dama formosa e tonta; abandonou a magistratura e veio abrir banca de advogado. Camilo arranhou-lhe casa para os lados de Botafogo, e foi a bordo recebê-lo.

— É o senhor? exclamou Rita, estendendo-lhe a mão. Não imagina como meu marido é seu amigo; falava sempre do senhor.

Camilo e Vilela olharam-se com ternura. Eram amigos deveras. Depois, Camilo confessou de si para si que a mulher do Vilela não desmentia as cartas do marido. Realmente, era graciosa e viva nos gestos, olhos cálidos, boca fina e interrogativa. Era um pouco mais velha que ambos: contava trinta anos, Vilela vinte e nove e Camilo vinte e seis. Entretanto, o porte grave de Vilela fazia-o parecer mais velho que a mulher, enquanto Camilo era um ingênuo na vida moral e prática. Faltava-lhe tanto a ação do tempo, como os óculos de cristal, que a natureza põe no berço de alguns para adiantar os anos. Nem experiência, nem intuição. Uniram-se os três. Convivência trouxe intimidade. Pouco depois morreu a mãe de Camilo, e nesse desastre, que o foi, os dois mostraram-se grandes amigos dele. Vilela cuidou do enterro, dos sufrágios e do inventário; Rita tratou especialmente do coração, e ninguém o faria melhor. Como daí chegaram ao amor, não o soube ele nunca. A verdade é que gostava de passar as horas ao lado dela; era a sua enfermeira moral, quase uma irmã, mas principalmente era mulher e bonita. Odor *di femina*: eis o que ele aspirava nela, e em volta dela, para incorporá-lo em si próprio. Liam os mesmos livros, iam juntos a teatros e passeios. Camilo ensinou-lhe as damas e o xadrez e jogavam às noites; — ela mal, — ele, para lhe ser agradável, pouco menos mal. Até aí as cousas. Agora a ação da pessoa, os olhos teimosos de Rita, que procuravam muita vez os dele, que os consultavam antes de o fazer ao marido, as mãos frias, as atitudes insólitas. Um dia, fazendo ele anos, recebeu de Vilela uma rica bengala de presente, e de Rita apenas um cartão com um vulgar cumprimento a lápis, e foi então que ele pôde ler no próprio coração; não conseguia arrancar os olhos do bilhete. Palavras vulgares; mas há vulgaridades sublimes, ou, pelo menos, deleitosas. A velha caleça de praça, em que pela primeira vez passeaste com a mulher amada, fechadinhos ambos, vale o carro de Apolo. Assim é o homem, assim são as cousas que o cercam. Camilo quis sinceramente fugir, mas já não pôde. Rita como uma serpente, foi-se acercando dele, envolveu-o todo, fez-lhe estalar os ossos num espasmo, e pingou-lhe o veneno na boca. Ele ficou atordoado e subjugado. Vexame, sustos, remorsos, desejos, tudo sentiu de mistura; mas a batalha foi curta e a vitória delirante. Adeus, escrúpulos! Não tardou que o sapato se acomodasse ao pé, e aí foram ambos, estrada fora, braços dados, pisando folgadoamente por cima de ervas e pedregulhos, sem padecer nada mais que algumas saudades, quando estavam ausentes um do outro. A confiança e estima de Vilela continuavam a ser as mesmas. Um dia, porém, recebeu Camilo uma carta anônima, que lhe chamava imoral e perverso, e dizia que a aventura era sabida de todos. Camilo teve medo, e, para desviar as suspeitas, começou a rarear as visitas à casa de Vilela. Este notou-lhe as ausências. Camilo respondeu que o motivo era uma paixão frívola de rapaz. Candura gerou astúcia. As ausências prolongaram-se, e as visitas cessaram inteiramente. Pode ser que entrasse também nisso um pouco de amor-próprio, uma intenção de diminuir os obséquios do marido, para tornar menos dura a aleivosia do ato. Foi por esse tempo que Rita, desconfiada e medrosa, correu à cartomante para consultá-la sobre a verdadeira causa do procedimento de Camilo. Vimos que a cartomante restituiu-lhe a confiança, e que o rapaz repreendeu-a por ter feito o que fez. Correram ainda algumas semanas. Camilo recebeu mais duas ou três cartas anônimas, tão apaixonadas, que não podiam ser advertência da virtude, mas despeito de algum pretendente; tal foi a opinião de Rita, que, por outras palavras mal compostas, formulou este pensamento: — a virtude é preguiçosa e avara, não gasta tempo nem papel; só o interesse é ativo e prodígio.

Nem por isso Camilo ficou mais sossegado; temia que o anônimo fosse ter com Vilela, e a catástrofe viria então sem remédio. Rita concordou que era possível.

— Bem, disse ela; eu levo os sobrescritos para comparar a letra com a das cartas que lá aparecerem; se alguma for igual, guardo-a e rasgo-a...

Nenhuma apareceu; mas daí a algum tempo Vilela começou a mostrar-se sombrio, falando pouco, como desconfiado. Rita deu-se pressa em dizê-lo ao outro, e sobre isso deliberaram. A opinião dela é que Camilo devia tornar à casa deles, tatear o marido, e pode ser até que lhe ouvisse a confidência de algum negócio particular. Camilo divergia; aparecer depois de tantos meses era confirmar a suspeita ou denúncia. Mais valia acautelarem-se, sacrificando-se por algumas semanas. Combinaram os meios de se corresponderem, em caso de necessidade, e separaram-se com lágrimas. No dia seguinte, estando na repartição, recebeu Camilo este bilhete de Vilela: "Vem já, já, à nossa casa; preciso falar-te sem demora." Era mais de meio-dia. Camilo saiu logo; na rua, advertiu que teria sido mais natural chamá-lo ao escritório; por que em casa? Tudo indicava matéria especial, e a letra, fosse realidade ou ilusão, afigurou-se-lhe trêmula. Ele combinou todas essas cousas com a notícia da véspera.

— Vem já, já, à nossa casa; preciso falar-te sem demora, — repetia ele com os olhos no papel.

Imaginariamente, viu a ponta da orelha de um drama, Rita subjugada e lacrimosa, Vilela indignado, pegando na pena e escrevendo o bilhete, certo de que ele acudiria, e esperando-o para matá-lo. Camilo estremeceu, tinha medo: depois sorriu amarelo, e em todo caso repugnava-lhe a idéia de recuar, e foi andando. De caminho, lembrou-se de ir a casa; podia achar algum recado de Rita, que lhe explicasse tudo. Não achou nada, nem ninguém. Voltou à rua, e a idéia de estarem descobertos parecia-lhe cada vez mais verossímil; era natural uma denúncia anônima, até da própria pessoa que o ameaçara antes; podia ser que Vilela conhecesse agora tudo. A mesma suspensão das suas visitas, sem motivo aparente, apenas com um pretexto fútil, viria confirmar o resto. Camilo ia andando inquieto e nervoso. Não relia o bilhete, mas as palavras estavam decoradas, diante dos olhos, fixas; ou então, — o que era ainda pior, — eram-lhe murmuradas ao ouvido, com a própria voz de Vilela. "Vem já, já à nossa casa; preciso falar-te sem demora." Ditas, assim, pela voz do outro, tinham um tom de mistério e ameaça. Vem, já, já, para quê? Era perto de uma hora da tarde. A comoção crescia de minuto a minuto. Tanto imaginou o que se iria passar, que chegou a crê-lo e vê-lo. Positivamente, tinha medo. Entrou a cogitar em ir armado, considerando que, se nada houvesse, nada perdia, e a precaução era útil. Logo depois rejeitava a idéia, vexado de si mesmo, e seguia, picando o passo, na direção do largo da Carioca, para entrar num tálburi. Chegou, entrou e mandou seguir a trote largo.

— Quanto antes, melhor, pensou ele; não posso estar assim...

Mas o mesmo trote do cavalo veio agravar-lhe a comoção. O tempo voava, e ele não tardaria a entestar com o perigo. Quase no fim da rua da Guarda Velha, o tálburi teve de parar; a rua estava atravancada com uma carroça, que caíra. Camilo, em si mesmo, estimou o obstáculo, e esperou. No fim de cinco minutos, reparou que ao lado, à esquerda, ao pé do tálburi, ficava a casa da cartomante, a quem Rita consultara uma vez, e nunca ele desejou tanto crer na lição das cartas. Olhou, viu as janelas fechadas, quando todas as outras estavam abertas e peçadas de curiosos do incidente da rua. Dir-se-ia a morada do indiferente Destino. Camilo reclinou-se no tálburi, para não ver nada. A agitação dele era grande, extraordinária, e do fundo das camadas morais emergiam alguns fantasmas de outro tempo, as velhas crenças, as superstições antigas. O cocheiro propôs-lhe voltar a primeira travessa, e ir por outro caminho; ele respondeu que não, que esperasse. E inclinava-se para fitar a casa... Depois fez um gesto incrédulo: era a idéia de ouvir a cartomante, que lhe passava ao longe, muito longe, com vastas asas cinzentas; desapareceu, reapareceu, e tornou a esvair-se no cérebro; mas daí a pouco moveu outra vez as asas, mais perto, fazendo uns giros concêntricos... Na rua, gritavam os homens, safando a carroça:

— Anda! agora! empurra! vá! vá!

Daí a pouco estaria removido o obstáculo. Camilo fechava os olhos, pensava em outras cousas; mas a voz do marido sussurrava-lhe às orelhas as palavras da carta: "Vem já, já..." E ele via as contorções do drama e tremia. A casa olhava para ele. As pernas queriam descer e entrar... Camilo achou-se diante de um longo véu opaco... pensou rapidamente no inexplicável de tantas cousas. A voz da mãe repetia-lhe uma porção de casos extraordinários; e a mesma frase do príncipe de Dinamarca reboava-lhe dentro: "Há mais cousas no céu e na terra do que sonha a filosofia..." Que perdia ele, se...? Deu por si na

calçada, ao pé da porta; disse ao cocheiro que esperasse, e rápido enfiou pelo corredor, e subiu a escada. A luz era pouca, os degraus comidos dos pés, o corrimão pegajoso; mas ele não viu nem sentiu nada. Trepou e bateu. Não aparecendo ninguém, teve idéia de descer; mas era tarde, a curiosidade fustigava-lhe o sangue, as fontes latejavam-lhe; ele tornou a bater uma, duas, três pancadas. Veio uma mulher; era a cartomante. Camilo disse que ia consultá-la, ela fê-lo entrar. Dali subiram ao sótão, por uma escada ainda pior que a primeira e mais escura. Em cima, havia uma salinha, mal alumiada por uma janela, que dava para os telhados do fundo. Velhos trastes, paredes sombrias, um ar de pobreza, que antes aumentava do que destruía o prestígio. A cartomante fê-lo sentar diante da mesa, e sentou-se do lado oposto, com as costas para a janela, de maneira que a pouca luz de fora batia em cheio no rosto de Camilo. Abriu uma gaveta e tirou um baralho de cartas compridas e enxovalhadas. Enquanto as baralhava, rapidamente, olhava para ele, não de rosto, mas por baixo dos olhos. Era uma mulher de quarenta anos, italiana, morena e magra, com grandes olhos sonsos e agudos. Voltou três cartas sobre a mesa, e disse-lhe:

— Vejamos primeiro o que é que o traz aqui. O senhor tem um grande susto...

Camilo, maravilhado, fez um gesto afirmativo.

— E quer saber, continuou ela, se lhe acontecerá alguma coisa ou não...

— A mim e a ela, explicou vivamente ele.

A cartomante não sorriu; disse-lhe só que esperasse. Rápido pegou outra vez as cartas e baralhou-as, com os longos dedos finos, de unhas descuradas; baralhou-as bem, transpôs os maços, uma, duas, três vezes; depois começou a estendê-las. Camilo tinha os olhos nela, curioso e ansioso.

— As cartas dizem-me...

Camilo inclinou-se para beber uma a uma as palavras. Então ela declarou-lhe que não tivesse medo de nada. Nada aconteceria nem a um nem a outro; ele, o terceiro, ignorava tudo. Não obstante, era indispensável mais cautela; ferviam invejas e despeitos. Falou-lhe do amor que os ligava, da beleza de Rita... Camilo estava deslumbrado. A cartomante acabou, recolheu as cartas e fechou-as na gaveta.

— A senhora restituiu-me a paz ao espírito, disse ele estendendo a mão por cima da mesa e apertando a da cartomante.

Esta levantou-se, rindo.

— Vá, disse ela; vá, ragazzo innamorato...

E de pé, com o dedo indicador, tocou-lhe na testa. Camilo estremeceu, como se fosse mão da própria sibila, e levantou-se também. A cartomante foi à cômoda, sobre a qual estava um prato com passas, tirou um cacho destas, começou a despencá-las e comê-las, mostrando duas fileiras de dentes que desmentiam as unhas. Nessa mesma ação comum, a mulher tinha um ar particular. Camilo, ansioso por sair, não sabia como pagasse; ignorava o preço.

— Passas custam dinheiro, disse ele afinal, tirando a carteira. Quantas quer mandar buscar?

— Pergunte ao seu coração, respondeu ela.

Camilo tirou uma nota de dez mil-réis, e deu-lha. Os olhos da cartomante fuzilaram. O preço usual era dois mil-réis.

— Vejo bem que o senhor gosta muito dela... E faz bem; ela gosta muito do senhor. Vá, vá tranqüilo. Olhe a escada, é escura; ponha o chapéu...

A cartomante tinha já guardado a nota na algibeira, e descia com ele, falando, com um leve sotaque. Camilo despediu-se dela embaixo, e desceu a escada que levava à rua, enquanto a cartomante alegre com a paga, tornava acima, cantarolando uma barcarola. Camilo achou o tálburi esperando; a rua estava livre. Entrou e seguiu a trote largo. Tudo lhe parecia agora melhor, as outras cousas traziam outro aspecto, o céu estava límpido e as caras joviais. Chegou a rir dos seus receios, que chamou pueris; recordou os termos da carta de Vilela e reconheceu que eram íntimos e familiares. Onde é que ele lhe descobrira a ameaça? Advertiu também que eram urgentes, e que fizera mal em demorar-se tanto; podia ser algum negócio grave e gravíssimo.

— Vamos, vamos depressa, repetia ele ao cocheiro.

E consigo, para explicar a demora ao amigo, engenhou qualquer cousa; parece que formou também o plano de aproveitar o incidente para tornar à antiga assiduidade... De volta com os planos, reboavam-lhe na alma as palavras da cartomante. Em verdade, ela adivinhara o objeto da consulta, o estado dele, a existência de um terceiro; por que não adivinharia o resto? O presente que se ignora vale o futuro. Era assim, lentas e contínuas, que as velhas crenças do rapaz iam tornando ao de cima, e o mistério empolgava-o com as unhas de ferro. Às vezes queria rir, e ria de si mesmo, algo vexado; mas a mulher, as cartas, as palavras secas e afirmativas, a exortação: — Vá, vá, ragazzo innamorato; e no fim, ao longe, a barcarola da despedida, lenta e graciosa, tais eram os elementos recentes, que formavam, com os antigos, uma fé nova e vivaz. A verdade é que o coração ia alegre e impaciente, pensando nas horas felizes de outrora e nas que haviam de vir. Ao passar pela Glória, Camilo olhou para o mar, estendeu os olhos para fora, até onde a água e o céu dão um abraço infinito, e teve assim uma sensação do futuro, longo, longo, interminável. Daí a pouco chegou à casa de Vilela. Apeou-se, empurrou a porta de ferro do jardim e entrou. A casa estava silenciosa. Subiu os seis degraus de pedra, e mal teve tempo de bater, a porta abriu-se, e apareceu-lhe Vilela.

— Desculpa, não pude vir mais cedo; que há?

Vilela não lhe respondeu; tinha as feições decompostas; fez-lhe sinal, e foram para uma saleta interior. Entrando, Camilo não pôde sufocar um grito de terror: — ao fundo sobre o canapé, estava Rita morta e ensangüentada. Vilela pegou-o pela gola, e, com dois tiros de revólver, estirou-o morto no chão.

Anexo B – Um cão e um escravo em os olhos do bugre de geraldinho do Engenho

Bugre era um cão amarelo. O cruzamento de um vira lata com uma raça nobre. Seu dono o Nonato, homem de posse, proprietário de muitas terras, engenho, canaviais, e lavouras de café. Possuía muitos escravos. De consciência apurada e bondosa, tratava seus cativos com todo respeito. Tornou-se famoso pela generosidade. Em sua fazenda a comida era farta. E não havia discriminação entre libertos e escravos. A cada ano seu patrimônio crescia e sua fama também. Enquanto outros fracassavam tendo os bens leiloados. Nonato enriquecia cada vez mais. Vico um escravo já maduro era seu conselheiro fora criado por seu pai que o deixou de herança ao filho. Muito calmo e religioso era o escudeiro espiritual do seu amo sinhôzinho, como o chamava carinhosamente. Observador e dedicado era responsável pela grande horta cuja produção era consumida na fazenda. Nonato o tratava de forma tão carinhosa, que nem parecia ser ele seu escravo. Ao participar da abertura de uma feira na cidade ganhou de um amigo um cãozinho. Ao regressar o entregou para Vico, recomendando sua educação e afirmando que o seu nome seria bugre. Obedecendo; o escravo levou-o para a senzala e começou a educá-lo. Dormindo a seus pés em pouco tempo se tornou um guardião de verdade. Percebendo o grau de inteligência do animal, o escravo começou a educá-lo com o objetivo de fazer dele, um guarda

costas para seu amo sinhôzinho. Não tardou, e a distancia, conforme recomendação de Vico, bugre mantinha uma vigilância acirrada ao Nonato. Sem perdê-lo de vista um só instante. Certo dia enquanto calçava as botas jogadas num canto da sala, bugre avançou em sua mão abocanhando a bota atirando-a para longe. Nervoso ele exclamou: - oh cão dos diabos eu la tenho tempo pra brincadeira seu imbecil? Ao apanhar a bota saiu de dentro dela uma serpente das mais venenosas. Encantado com o fato ocorrido, Nonato o levou até Vico e agradeceu acariciando os dois. Nas viagens à cidade, bugre o acompanhava até a estação ferroviária a quatro quilometra da sede da fazenda, trazendo de volta sua montaria. Em seu regresso a mando de Vico, la se ia bugre levando a montaria ao sinhô. A cada dia Nonato mais e mais se afeiçoava a sua dupla de amigos, o cão e escravo. Certo dia acompanhando-o até a estação, o cão quis impedir seu embarque puxando-o pela barra da calça. Lembrando do episodio de sua bota, Nonato desistiu da viagem. No dia seguinte recebeu noticia do descarrilamento de alguns vagões com mortes e diversos feridos no acidente. Agradecido condecorou o bugre com uma bela coleira prateada. Havia na fazenda uma colina, era o ponto mais alto, proporcionando uma bela visão. Nela uma capela construída por Nonato, junto um cemitério. Ali eram sepultados os escravos e alguns falecidos nos derredores das fazendas vizinhas. Local de oração aonde de tempos em tempos, acontecia celebrações por missionários evangelizadores, que por la passavam. Muito aconchegante no local sempre imperou muita paz e tranqüilidade, de onde se tinha até uma nítida visão de toda a propriedade. Nonato efetuou um grande negocio na venda de sua produção cuja safra fora muito rendosa. Como de costume viajou até a estação, acompanhado pelo cão que retornaria sua montaria. Na viagem de regresso, bugre estava lá a sua espera com a montaria, a mando de Vico. Nonato o encontrou muito triste, abatido, de olhar tristonho, sem brilho, nem se manifestou ao receber seu amo. Com sua guaiaca abarrotada de dinheiro, não percebeu que estava sendo seguido por um salteador, que o acompanhara desde a cidade. Na fazenda Vico notou algo de errado com o cão, que apenas choramingava quando acariciado por ele. No dia seguinte estranhando a ausência do animal, o escravo dirigiu a casa, encontrou lá seu amo e a esposa amarrados e amordaçados. Libertos, muito assustado o casal louvou a Deus por estarem vivos. Procuraram pelo bugre não o encontraram. Reunidos, todos os escravos partiram em sua busca. Dispersados por diversas direções não obtiveram sucesso. Ao cair da noite voltaram à fazenda; recomçariam na manhã seguinte. Olhando na direção da ferrovia Vico avistou algo estranho vindo na direção do grupo. Embora o crepúsculo lhe obstruísse a visão reconheceu ser o cão se arrastando. Encontraram-no de patas traseiras desgovernadas e trazendo na boca a guaiaca que fora roubada pelo bandido. Levaram-no para a sede da fazenda. Febril e quase sem movimentos ele olhou tristemente para seus dois amigos, e lacrimejando faleceu. No dia seguinte Nonato mandou abrir uma sepultura bem à frente da capela e o sepultaram. Em seguida o fazendeiro fez um belo discurso, alusivo ao procedimento do cão, atribuindo sua tristeza do dia anterior, como uma premonição da tragédia ocorrida. Vico plantou flores em sua cova e as regava todas as tardes. Certo dia ao descer da colina após irrigar as flores, ele avistou um numero de urubus sobrevoando a marginal da linha férrea, até que foram averiguar. Debaxo de uma enorme gameleira, encontraram o bandido em adiantado estado de putrefação, de olhos perfurados pelos abutres, revolver preso nos nervos que restaram de sua mão direita, vestígios da luta travada entre ele e o bugre. Assim findou a estória de um cão vidente que só faltava às palavras, mas que dizia tudo através dos gestos. Vico sempre confortava Nonato dizendo-lhe que do alto da colina bugre mantinha seu olhar vigilante sobre a fazenda, pois o local lhe era propicio em se tratando do ponto mais alto das redondezas. Não tardaram, todos os escravos começaram a murmurarem sobre uma luz na porta da capelinha, dizendo ser os olhos do bugre vigilantes sobre a propriedade. Nonato resolveu averiguar e constatou ser uma grande pedra branca, uma forma de cristal de rocha, que Vico colocara na cova do bugre. Ao reflexo tanto do sol como ao luar a luz era refletida. Preferiu aderir à idéia, respeitando a credence mitológica de seus escravos, afirmando ser os olhos vigilantes do cão. Mais tarde todos os moradores das regiões circunvizinhas tinham conhecimento da lenda como verídica e milagrosa. Até os transeuntes da linha férrea, a poderiam vislumbrar sob sol. Ou a morteira luz, em noites enluaradas. E assim a colina se tornou famosa e conhecida pelo nome de “OS OLHOS DO BUGRE”.